

BIBLIA — DEUS CAMINHANDO COM A — GENTE

SEMANÁRIO PARA CÍRCULOS BÍBLICOS

LIVRO DE JOSUÉ: ROTEIROS PARA ENCONTROS

TERRA DE DEUS, TERRA DE IRMÃOS? ENTENDENDO O LIVRO DE JOSUÉ



SÉRGIO RICCIUTO CONTE

O livro de Josué, cujo nome significa “Javé salva” ou “Javé é auxílio”, tem como fio condutor a ideia de que Javé combate as guerras de Israel, seu povo eleito, e lhe dá as vitórias, mandando expulsar e exterminar as populações locais, punindo-as pela idolatria (culto a outras divindades) e garantindo a terra para Israel, enquanto o povo permanecer fiel à aliança com seu Deus.

Uma leitura do livro de Josué ao pé da letra gera a expressão que se diz nas comunidades: “Se espremer, sai sangue”. É um massacre atrás do outro, e tudo acontece por ordem divina. Para entender o livro de Josué, é importante saber como ele surgiu.

1. Autor e contexto histórico

O livro de Josué foi escrito ao longo de vários séculos, por vários grupos sociais com diferentes objetivos, situações, locais e momentos históricos. Os redatores não estavam preocupados em documentar a história (o fato em si), mas em interpretá-la conforme seus interesses. Vamos retomar, em linhas gerais, alguns marcos desse processo.

Período da formação de Israel

Por volta de 1300 a.C., a maioria da população, que vivia nas planícies de Canaã, era explorada e submetida ao domínio dos reis das cidades-Estado de Canaã e do faraó do Egito (cf. 1Sm 8,11-17). Muitas pessoas empobrecidas e oprimidas saíram das planícies (centros urbanos) para a região montanhosa de Canaã, que era menos habitada e estava fora do controle dos reis e do faraó.

O enfraquecimento do império egípcio, a partir de 1200 a.C., acelerou a saída (êxodo) da população dos centros urbanos para as montanhas. Surgiram novos grupos de refugiados, como camponeses, operários, marginalizados (hapirus, hebreus) de Canaã e pessoas escravizadas no Egito etc., que ingressaram nas pequenas aldeias já existentes nas montanhas de Canaã, ampliando-as, ou abriram novos assentamentos, organizando-se em aldeias. Assim, surgiu o núcleo do povo que posteriormente se chamaria Israel.

Esses acontecimentos foram contados, recontados, escritos e reescritos ao longo de vários séculos. O livro de Josué contém a história heroica e mítica (aspectos redacionais), relacionada com a reforma de Josias (620-609 a.C.) e com a implantação da teocracia (governo dos sacerdotes) em Judá, no pós-exílio (538-333 a.C.). Apesar disso, ficaram registradas algumas histórias e tradições sagradas da vida dos israelitas primitivos, como:

- Terra partilhada* (Js 14,1-4): em meio à realidade de pessoas pobres e sem-terra, nascem leis (tradições) que garantem o direito à terra para o sustento de todos (Nm 26,55-56).
- Lei da hospitalidade* (Js 2,1-7): a maioria dos israelitas primitivos enfrenta desafios para sobreviver nas regiões montanhosas de Canaã, por serem regiões pobres e com recursos muito escassos. Nesse contexto, nasce a prática da hospitalidade (cf. Gn 18,2-8; 19,6-8).
- Festas compartilhadas* (Js 5,10-12): Israel primitivo era formado por vários grupos de cananeus empobrecidos, escravos do Egito, refugiados arameus da Síria etc. As festas de cada grupo, como a da Páscoa e a dos Ázimos, foram compartilhadas e celebradas nas comunidades.

Período do rei Josias

Com a decadência do império assírio, em 620 a.C., Josias retomou a reforma iniciada pelo rei Ezequias, centralizando em Jerusalém o culto a Javé, Deus do Estado, destruindo os altares e os objetos de culto das divindades nos santuários do interior, conhecidos como lugares altos. A reforma acentuou ainda mais o caráter de centralização que o Templo de Jerusalém já possuía: Javé, o Deus do Estado, um só Templo e um só povo de Israel (2Rs 22-23).

Apesar do forte caráter religioso, o objetivo principal da reforma de Josias foi a expansão nacional e territorial, sobretudo na região de Benjamim, antigo território de Israel Norte. Para justificar e promover a invasão e a conquista militar, o rei pede a seus escribas que escrevam a história do povo desde a entrada na terra até o tempo dele, que são os livros de Josué,



Juizes, Samuel e Reis. Eis aqui alguns traços das justificativas do movimento de Josias que transparecem na primeira redação do livro de Josué:

- a) *Guerra santa* (Js 6-11): o próprio Javé, comandante das tropas de Israel, conquista as cidades “estrangeiras” e extermina suas populações em nome da eliminação da idolatria, exatamente o que fez o rei Josias em sua reforma.
- b) *Cidades conquistadas, como Jericó e Gabaon*: a lista dos reis vencidos demonstra as pretensões do rei Josias.
- c) *Declaração de fé em Javé, feita por uma mulher estrangeira* (Js 2,8-13): a adesão de Raab à divindade dos israelitas é um protótipo do ato das nações estrangeiras, que devem temer e confessar somente a Javé.
- d) *Arca da Aliança* (Js 6): a Arca da Aliança, símbolo da unidade e da identidade nacional, foi apropriada e utilizada como presença sagrada e militar de Javé, para justificar e fortalecer a guerra santa do rei Josias.

Período exílico e pós-exílico

Na primeira invasão da Babilônia (597 a.C.), o rei Joaquin e seus colaboradores, incluindo Ezequiel, profeta da corte (Ez 1,1-3), foram exilados para a Babilônia (Ez 1,3; 3,15). Na segunda invasão (587 a.C.), o rei Sedecias e seus governantes foram torturados e mortos, e a capital Jerusalém, com o Templo, foi devastada (2Rs 25,1-21). Godolias, governador nomeado pela Babilônia, distribuiu a terra para os camponeses pobres que ficaram em Judá (Jr 40).

Durante o exílio, o grupo da elite de Ezequiel, que se considerava o verdadeiro povo de Israel, criticou os camponeses remanescentes por pretenderem ser os únicos herdeiros da terra de Israel (Ez 11,17-21). Esse grupo revisou a primeira redação do livro de Josué com ênfase na retomada da posse da terra (Js 13-21).

Em 539 a.C., a Babilônia foi dominada pelos persas, e assim terminou o exílio. O grupo de Ezequiel retornou para Judá e estabeleceu a teocracia com a permissão do Império (Esd 1-7). Os teocratas reconstruíram e fortaleceram o sistema do Templo com Javé, Deus único, reforçando a teologia da retribuição, a lei da pureza, os sacrifícios, as festas, as ofertas dos produtos da terra para Deus Javé etc., como principais meios de arrecadação de tributos, o que gerou grande empobrecimento do povo (cf. Is 58,1-12; 66,1-4; Jó 24; Sl 73). Nesse momento, os escribas da teocracia revisaram, ampliaram e escreveram a última redação do livro de Josué, sobretudo a parte da “repartição da terra” (Js 13-21) e a última parte (Js 22-24):

- a) *Novo êxodo*: o retorno dos repatriados (grupo chamado de *golá*) é descrito como o novo êxodo do povo eleito, que deveria ocupar e controlar a terra (Js 1,10-18; 4,1-24), justificando, assim, o direito e o poder do governo teocrata sobre a terra, a arrecadação de tributos etc.
- b) *Sacralização da Lei* (Js 1,6-9; 8,30-32; 22,1-8; 23,6): a teocracia sacerdotal sacralizou e impôs a observância estrita da lei da pureza, a circuncisão, o povo eleito, o monoteísmo, usando a figura mítica de Moisés, o patrono da Lei.
- c) *Os “despojos” da guerra santa* (anátema): os objetos conquistados nas guerras vão para o tesouro do Templo de Javé (Js 6,17-19; 22,7-8; cf. Ex 25,1-9; Esd 7,25-26).
- d) *A distribuição da terra santa* (Js 13-21): os repatriados acreditam que eles são os verdadeiros herdeiros da terra, conquistada pelo comandante Deus Javé (Js 4,1-9).
- e) *O altar do santuário escolhido por Javé, “Deus dos deuses”* (Js 22): Os sacrifícios e as ofertas devem ser oferecidos no Templo de Jerusalém, onde habita Javé, o único Deus de Israel (Dt 4,39-40).

f) *Fidelidade ou infidelidade do povo a Javé e à sua palavra* (Js 23): a quebra da aliança, servindo a “outras divindades”, provocará a ira de Javé, tendo como consequência a perda da terra santa.

g) *A renovação da aliança* (Js 24): O povo de Israel renova a aliança com o Deus do êxodo, agora transformado em um Deus excludente, ciumento e vingativo.

2. Mensagens principais

Embora os redatores elaborassem a história mítica e heroica de conquista para justificar os projetos de Josias e dos teocratas, as tradições sagradas à vida cotidiana do povo estão presentes no livro de Josué: terra, hospitalidade, festa etc. São as tradições que devem ser reavivadas pelo povo de hoje para uma vida digna. Ao mesmo tempo, a manipulação da história a serviço dos projetos dos poderosos também deve ser salientada, para conscientizar a leitura da Bíblia a serviço da construção do Reino da Vida. Eis os temas sobre os quais nos debruçaremos:

Primeiro encontro: A partilha da terra é para o sustento da vida de todos e todas (Js 14,1-5). Ainda hoje, vemos que a terra e as riquezas estão concentradas nas mãos de poucos. Rezando por essa realidade, queremos somar forças com os grupos que resistem contra os projetos de exclusões e de morte.

Segundo encontro: A hospitalidade em favor da vida! (Js 2,1-24). Cultivar uma atitude de abertura para acolher o próximo, em especial os estrangeiros e as pessoas que precisam de nosso apoio e solidariedade.

Terceiro encontro: Festa, celebração, refeição e partilha de vida (Js 5,10-12). As festas comunitárias nos ajudam a acreditar nas coisas boas da vida e a resistir diante das dificuldades. Nessas festas, deve haver lugar para a participação de todas as pessoas.

Quarto encontro: Não à violência em nome de Deus (Js 6,1-21). O uso do nome de Deus para justificar atos violentos é inadmissível, é contrário ao projeto da Vida.

Quinto encontro: Javé, Deus poderoso e ciumento, castiga quem não observa a Lei (Js 23,1-16). Entender um pouco melhor a teologia da retribuição, que limita a ação de Deus às atitudes da pessoa humana, e reafirmar nossa fé e esperança no Deus da gratuidade, da misericórdia e da compaixão.

Que a leitura, o estudo, a reflexão e a oração a partir do livro de Josué nos ajudem a criar convicção de que Deus caminha sempre conosco.

Lembretes para as reuniões

Eis aqui algumas sugestões práticas para a realização dos encontros:

- Preparar bem o local do encontro; é importante que aconteça nas casas, pois será uma forma de reviver o espírito missionário das primeiras comunidades.
- Verificar a necessidade de providenciar, anteriormente, algum material para o encontro.
- A coordenadora ou o coordenador, em todos os encontros, deve fazer uma acolhida carinhosa, dando especial atenção às pessoas que participam pela primeira vez.
- Motivar as pessoas a trazer sempre a Bíblia.
- Não é necessário responder a todas as perguntas que são apresentadas no roteiro.
- Ver o DVD Chaves para entender o Livro de Josué. Centro Bíblico Verbo e Verbo Filmes.





PRIMEIRO ENCONTRO

“A PARTILHA DA TERRA É PARA O SUSTENTO DA VIDA DE TODOS E TODAS.” (Js 14,1-5)

SERGIO RICCIUTO CONTE



TEMA: A partilha da terra é para o sustento da vida de todos e todas.

PERSONAGENS: Os filhos de Israel, Eleazar, Josué, os chefes de famílias de tribos e Moisés.

TEXTO: Js 14,1-5.

PALAVRAS-CHAVE: repartiram, herança, terra, sobrevivência.

PERSPECTIVA: Compreender que o acesso aos bens necessários para uma vida digna é direito de todas as pessoas.

Foi por sorteio que receberam a herança, conforme ordenou Javé (Js 14,2).

1. Preparar o ambiente

- Colocar no centro uma Bíblia, vela acesa, vaso, terra e semente – escolher uma semente para plantar.
- Preparar um cartaz com o tema do encontro.

2. Acolhida

Dirigente: Setembro é o mês dedicado à Bíblia. Neste ano, temos como desafio ler, estudar, refletir e rezar a história de Israel a partir do livro de Josué. Um livro que contém muitas tradições sobre a conquista da terra de Canaã e a partilha da terra. Peçamos ao Espírito de Deus que ilumine nossas mentes para compreendermos a história de um povo que sempre esteve em busca de condições dignas de vida. Nós continuamos nesta mesma caminhada. Com alegria, cantemos:

O povo de Deus no deserto andava, mas à sua frente alguém caminhava. O povo de Deus era rico de nada, só tinha esperança e o pó da estrada. Também sou teu povo, Senhor, e estou nesta estrada. Somente a tua graça me basta e mais nada.

O povo de Deus ao longe avistou a terra querida que o amor preparou. O povo de Deus corria e cantava, e nos seus louvores teu poder proclamava. Também sou teu povo, Senhor, e estou nessa estrada, cada dia mais perto da terra esperada.

Dirigente: Nestes encontros, queremos aprender a reconhecer a sua Palavra na história dos povos. Dá-nos, Senhor, discernimento para perceber sua ação na caminhada. Que possamos compreender que o projeto de Javé é comunhão e vida digna para todas as pessoas. Vamos ler, em voz alta, o tema do nosso encontro de hoje: *A partilha da terra é para o sustento da vida de todos e todas.*

Todas(os): Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém!

3. Motivando a conversa

Leitora ou leitor 1: Em 1982, houve a ocupação de uma fazenda abandonada, pelos agricultores sem-terra, na região de Medianeira, no Paraná. Após a reintegração de posse e o despejo, as famílias com as crianças, mais ou menos cem pessoas, ficaram acampadas no pátio da igreja matriz de Medianeira. Durante o acampamento, um senhor de idade faleceu de morte natural. Na missa de enterro, celebrada por Dom Olívio Fazza, então bispo da diocese de Foz do Iguaçu, a esposa do falecido declarou: “Pela primeira vez na vida, meu marido vai ganhar um pedaço de terra”. Até hoje, a terra continua tornando-se fonte de riqueza abusiva, e, muitas vezes, indevidamente concentrada na mão de poucos em detrimento da maioria.

Dirigente: O que nós conhecemos da situação dos sem-terra em nossa região? As pessoas em situação de rua estão concentradas nas grandes cidades, e essa mesma realidade também é vista nas cidades menores. O que sabemos da vida dessas pessoas? Tempo para a partilha.

Encerrar este momento com o canto – se preferir, o grupo poderá sugerir outro: O povo de Deus também vacilava, às vezes custava a crer no amor. O povo de Deus, chorando, rezava, pedia perdão e recomeçava. Também sou teu povo, Senhor, e estou nesta estrada. Perdoa se às vezes, não creio em mais nada.

4. Situando o texto

Leitora ou leitor 2: Entre 1200 e 1000 a.C., a população de Israel, na região montanhosa de Canaã, passou de 12 mil para 75 mil pessoas. A maioria delas era formada por cananeus, refugiados da exploração dos reis das cidades-Estado e do faraó do Egito, das guerras, de secas prolongadas e da fome. Havia um número significativo de pessoas pobres e exploradas em busca de terra para sobreviver. Nessa realidade, nasceram várias leis que garantiam a terra de agricultura para o sustento da vida de todos e todas. Uma das leis afirma: “A herança (terra, casa, bens) será recebida de acordo com o número dos nomes das tribos de seus pais, e a herança de cada tribo será repartida por





sorteio, levando em conta o maior ou menor número” (Nm 26,55-56). Essa é uma das leis que perpassa a história do povo de Israel.

5. Leitura do texto

Dirigente: Colocando os pés na terra do povo de Israel, peçamos ao Espírito de Deus que nos ajude a compreender que toda pessoa tem direito aos bens necessários para viver com dignidade. Sugestão de canto:

Buscai primeiro o Reino de Deus e a sua justiça e tudo o mais vos será acrescentado. Aleluia, aleluia. Não só de pão o homem viverá, mas de toda palavra que procede da boca de Deus. Aleluia, aleluia.

Leitora ou leitor 3: Ler Js 14,1-5

Dirigente: Para conversar:

- Qual o tema principal que aparece no texto?
- Qual a importância da terra para a vida das famílias?

6. Iluminando a vida

Leitora ou leitor 4: O problema da luta pela terra é crônico na história do Brasil. Ainda hoje, não faltam grandes grupos econômicos querendo explorar os recursos naturais, especialmente pela expansão do agronegócio e da fronteira agrícola. Há no campo uma grande resistência contra a expropriação da terra. Nessa luta, ainda prevalece a lei do mais forte, e mais pessoas morrem, mais florestas são destruídas. Mas há também a resistência e a consciência de que a terra e as riquezas minerais foram criadas por Deus para estarem a serviço da vida com dignidade para todos e todas, no convívio responsável e respeitoso com todas as formas de vida, animais ou vegetais.

- Como nós e nossas comunidades apoiamos a luta das famílias sem-terra, indígenas, quilombolas e comunidades tradicionais?
- Quais informações temos sobre os problemas que muitas pessoas enfrentam em relação à terra, à moradia, ao desemprego e à educação?
- Qual a nossa consciência dos problemas sociais do nosso bairro ou de nossa sociedade?

7. Celebrando a vida

Dirigente: Como pessoas cristãs, somos chamadas a seguir os passos do Mestre Jesus, que constantemente criou espaços para os pobres e marginalizados. Rezemos juntos a oração do pai-nosso, pedindo que Deus nos dê forças para continuarmos nosso empenho na concretização do seu Reino entre nós.

Todas(os): Pai-nosso.

Dirigente: Neste momento, vamos preparar o nosso vaso para plantar uma semente. *Enquanto alguém prepara o vaso, passar, de mão em mão, a semente escolhida e,*

em silêncio, cada pessoa poderá responder para si mesma: “Qual a vida nova que eu desejo para mim e para as pessoas ao meu redor?”. Esse vaso deverá ser colocado em todos os encontros.

Encerrar este momento com o canto:

Toda semente é um anseio de frutificar e todo fruto é uma forma de a gente se dar. Põe a semente na terra, não será em vão, não te preocupe a colheita, plantas para o irmão.

8. Preparar o próximo encontro

Dirigente: Para a próxima reunião, ler Js 2,1-24, e quem puder leia as orientações em preparação ao segundo encontro. Se tiver alguma dificuldade em ler, peça ajuda a uma pessoa próxima.

9. Gesto concreto

Conhecer a realidade da CPT (Comissão Pastoral da Terra) de sua comunidade, paróquia ou diocese.

10. Bênção final

Dirigente: Com o novo vaso em mãos, vamos pedir ao Deus da vida que faça frutificar a semente que plantamos, e que cresça em cada um dos participantes nova planta da justiça e da verdade. Que o Deus da paz, do amor e da consolação derrame suas bênçãos sobre a nossa vida.

Todas(os): Amém.

Para aprofundar o tema deste encontro, leia as páginas 33-48 do livro *Terra de Deus, terra de irmãos? Entendendo o livro de Josué*. São Paulo: Paulus, 2022. O material deste encontro e também o livro indicado foram preparados pela equipe do Centro Bíblico Verbo.

O **CENTRO BÍBLICO VERBO** é um centro de estudo que está a serviço do povo de Deus, desenvolvendo uma leitura exegética, comunitária, ecumênica e popular da Bíblia. O Centro Bíblico Verbo oferece cursos regulares de formação bíblica em diferentes modalidades e presta assessorias às dioceses, paróquias, comunidades, colégios e congregações religiosas. Mais informações pelo tel. (11) 5187-1008. *E-mail:* contato@cbiblicoverbo.com.br. Nossa página: www.cbiblicoverbo.com.br; Facebook: Centro Bíblico Verbo.

O **CENTRO BÍBLICO PAULUS** é um organismo da PAULUS para a coordenação de todas as iniciativas bíblicas promovidas pelos Paulinos. Seu objetivo é tornar sempre mais dinâmico e atual o encontro de todos com a Bíblia, favorecendo a leitura, o aprofundamento, o estudo e a difusão da Sagrada Escritura. Entre suas atividades, está a distribuição gratuita do folheto *Bíblia-Gente* como subsídio para dinamizar o Mês da Bíblia. Mais informações em paulus.com.br.

BÍBLIA
PASTORAL

Edição indicada para animação bíblica e pastoral de diversos públicos. **Conheça!**



Editora: Pia Sociedade de São Paulo - PAULUS (Paulinos) — **Diretor:** Valdir José de Castro — **Endereço:** Rua Francisco Cruz, 229 - Vila Mariana - 04117-091 - São Paulo - SP - Tel. (11) 5087-3700 - editorial@paulus.com.br - paulus.com.br
Esta remessa de Bíblia-Gente é uma gentileza da PAULUS e não pode ser vendida.



BÍBLIA DEUS CAMINHANDO COM A GENTE

SEMANÁRIO PARA CÍRCULOS BÍBLICOS

SEGUNDO ENCONTRO

“A HOSPITALIDADE EM FAVOR DA VIDA!” (Js 2,1-24)

SERGIO RICCIUTO CONTE



TEMA: A hospitalidade em favor da vida!
 PERSONAGENS: Josué, dois homens, Raab, o rei de Jericó, perseguidores.
 TEXTO: Js 2,1-24.
 PALAVRAS-CHAVE: terra, porta da cidade, jurem, compaixão, lealdade, compromisso e três dias.
 PERSPECTIVA: Rever nossa prática de hospitalidade e abrir nosso coração e nossa casa para hospedar quem precisa de nossa acolhida, em especial os estrangeiros e as pessoas que precisam de nós.

A mulher pegou os dois homens, os escondeu (para protegê-los) (Js 2,4).

1. Preparar o ambiente

- Colocar no centro uma Bíblia, vela acesa, o vaso preparado no encontro anterior e o recorte de um desenho em forma de coração.
- Preparar um cartaz com o tema do encontro.

2. Acolhida

Dirigente: Iniciemos nosso encontro acolhendo a Trindade Santa que habita em nós. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém. Celebremos a alegria de poder nos reunir, como irmãos e irmãs, ao redor da Palavra, buscando luzes para uma vivência conforme o projeto de Deus, revelado em Jesus de Nazaré.

É como a chuva que lava, é como o fogo que arrasa. Tua palavra é assim, não passa por mim sem deixar um sinal.

Tenho medo de não responder, de fingir que não escutei. Tenho medo de ouvir teu chamado, virar do outro lado e fingir que não sei.

Tenho medo de não perceber, de não ver teu amor passar. Tenho medo de estar distraído, magoado e ferido e então me fechar.

Tenho medo de estar a gritar e negar-te o meu coração. Tenho medo do Cristo que passa, oferece uma graça, e eu lhe digo que não.

Dirigente: Boas-vindas a todas e a todos. Podemos nos acolher mutuamente com nossos olhares. Se houver alguém que veio pela primeira vez, pode se apresentar.

No primeiro encontro, refletimos sobre a importância da terra para a sobrevivência das pessoas. O gesto concreto proposto era tomar conhecimento da situação da CPT (Comissão Pastoral da Terra) em nossa área ou se inteirar da realidade das pessoas da nossa comunidade que não têm acesso aos bens necessários para viver. Alguém gostaria de falar como foi a sua vivência ao longo da semana? *Tempo para a partilha. Encerrar este momento com o refrão de um canto. Sugestão: Lutar e crer, vencer a dor, louvar o Criador. Justiça e paz não de reinar, e viva o amor.*

Dirigente: No encontro de hoje, refletiremos sobre a hospitalidade. Vamos repetir, em voz alta, o tema da nossa reunião: *A hospitalidade em favor da vida.*

3. Motivando a conversa

Leitora ou leitor 1: Em 2013, em uma aula com um grupo de estudantes, refletindo sobre o valor da hospitalidade a partir de um texto bíblico, eu afirmei que o povo brasileiro era muito hospitaleiro e acolhedor, especialmente com os estrangeiros. A sala era composta de onze pessoas, sendo oito africanos, provenientes de vários países da África. Alguém interrompeu minha fala e disse: “Eu estou cansado de ouvir isso, é pura hipocrisia. No metrô, no shopping, na casa de algumas pessoas e até mesmo na igreja eu me sinto vigiado”. E quase todos relataram situações nas quais se sentiram discriminados por serem estrangeiros e negros. Senti-me profundamente triste e sem saber o que dizer, apenas pedi perdão por essa situação. Nos últimos tempos, o racismo aumentou muito. No dia 24 de janeiro de 2022, o jovem Kabahambe, congolês, foi brutalmente assassinado no Rio de Janeiro.



Dirigente: Receber o estrangeiro exige aceitar a sua diferença e, ao mesmo tempo, esperar que ele acolha a cultura de quem o recebe. Como nós acolhemos os estrangeiros em nossa vida e em nossa casa? Em nossa prática, é fácil acolher pessoas que consideramos importantes. Será que não estamos repetindo essa mesma lógica em relação aos nossos próximos? Como manifestamos nossa compreensão, respeito e acolhida aos estrangeiros pobres, negros e desempregados? *Podemos conversar sobre essas questões em pequenos grupos.*

4. Situando o texto

Leitora ou leitor 2: Historiadores e arqueólogos atestam a dureza da vida dos israelitas primitivos, constantemente atormentada e ameaçada por vários fatores: recursos desfavoráveis à atividade produtiva, doenças, secas, disputas entre os clãs, guerras provocadas pelas invasões dos reis cananeus etc., provocando o sofrimento de viúvas, órfãos, pobres endividados e novos migrantes, forasteiros nas regiões montanhosas. Nessa realidade, nascem várias tradições e leis para garantir a vida. Uma das leis mais importantes é a lei da hospitalidade: o anfitrião (dono) da casa deve dar o lava-pés, o alimento e o descanso aos hóspedes (as pessoas necessitadas, como migrantes: cf. Gn 18,2-8; Lv 19,33-34); ele tem o dever de dar segurança aos hóspedes a qualquer custo (Gn 19,6-8; Jz 19,20-23). Na origem, a história lendária e heroica de Raab, em Js 2,1-24, nasceu da tradição de hospitalidade dos israelitas primitivos e foi contada, transmitida, ampliada e revista ao longo dos anos, sobretudo na ocasião da reforma de Josias, por volta do ano 620 a.C.

5. Leitura do texto

Dirigente: Ao ler a Palavra de Deus, vamos buscar luzes para iluminar a nossa realidade e pedir a Deus que nos transforme em pessoas abertas para reconhecer o estrangeiro que habita em nós e acolher a todas e a todos, especialmente os mais necessitados. Sugestão de canto:

Eu vim para escutar – Tua Palavra, tua Palavra, tua Palavra de Amor. Eu quero entender melhor – Tua Palavra, tua Palavra, tua Palavra de Amor. O mundo ainda vai viver – Tua Palavra, tua Palavra, tua Palavra de Amor.

Leitora ou leitor 3: Ler Js 2,1-24. Sugestão: fazer a leitura dialogada.

Dirigente: Para conversar:

- Como Raab exerce a lei da hospitalidade com os espiões?
- Por que Raab protegeu os espiões?
- Qual acordo os espiões fizeram com Raab, mulher estrangeira?

6. Iluminando a vida

Leitora ou leitor 4: A narrativa apresenta a memória de uma mulher que acolhe e protege seus hóspedes. O gesto da hospitalidade consiste em criar um ambiente familiar à pessoa que é acolhida, pois o hóspede, seja ele quem for, está longe do conforto de sua casa e de seus próximos. É importante que aprendamos a acolher as pessoas sem discriminação de etnia, classe social e gênero. Se existe abertura de coração, a dificuldade da língua não será um fator de exclusão.

- Como nós incluímos outras pessoas em nossas relações?
- Em nossa comunidade, quais sinais manifestam respeito, compreensão e acolhida às pessoas que vêm de outras regiões?
- Quais atitudes mostram a nossa iniciativa em conhecer a realidade dos migrantes?

7. Celebrando a vida

Dirigente: Neste momento, vamos olhar a nossa vida e rever as atitudes que mostram discriminação com aquela ou aquele que é diferente, muitas vezes por meio de brincadeiras, piadas ou imitação dos trejeitos de outras pessoas. Nosso modelo de hospitalidade é Jesus de Nazaré, que criou espaços para os marginalizados do seu tempo. Que o Deus do êxodo, que liberta o seu povo, nos ajude a “descer” de nossos preconceitos e caminhar como irmãs e irmãos. Vamos olhar para o coração que está à nossa frente e pedir que Deus transforme o nosso coração, cantando: **Dá-nos um coração grande para amar. Dá-nos um coração forte para lutar.**

Dirigente: Com os braços abertos, queremos rezar a oração do pai-nosso, pedindo que o Reino de Deus se estabeleça entre nós e que possamos colaborar no projeto do Deus da vida.

Todas(os): Pai-nosso.

8. Preparar o próximo encontro

Dirigente: Para a próxima reunião, ler Js 5,10-12, e quem puder leia as orientações em preparação ao segundo encontro. Se tiver alguma dificuldade em ler, peça ajuda a uma pessoa próxima.

9. Gesto concreto

Conhecer a Pastoral dos Migrantes e, onde for possível, fazer uma visita ao Centro de Acolhida aos Migrantes. Ver qual a realidade dos migrantes que vivem em nossa região e descobrir formas de exercer a hospitalidade por meio de uma ajuda concreta.

10. Bênção final

Dirigente: Com as mãos estendidas, vamos formar uma grande tenda, querendo colocar nessa casa todas as pessoas que amamos e também aquelas e aqueles que encontramos em nosso caminho. Que o Deus do êxodo, que caminha com o seu povo, ajude-nos a romper as barreiras étnicas e sociais. Que Deus nos abençoe e nos conduza em nossa caminhada.

Todas(os): Amém.

Para aprofundar o tema deste encontro, leia as páginas 55-71 do livro *Terra de Deus, terra de irmãos? Entendendo o livro de Josué*. São Paulo: Paulus, 2022. O material deste encontro e também o livro indicado foram preparados pela equipe do Centro Bíblico Verbo.

O **CENTRO BÍBLICO VERBO** é um centro de estudo que está a serviço do povo de Deus, desenvolvendo uma leitura exegética, comunitária, ecumênica e popular da Bíblia. O Centro Bíblico Verbo oferece cursos regulares de formação bíblica em diferentes modalidades e presta assessorias às dioceses, paróquias, comunidades, colégios e congregações religiosas. Mais informações pelo tel. (11) 5187-1008. *E-mail:* contato@cbiblicoverbo.com.br. Nossa página: www.cbiblicoverbo.com.br; Facebook: Centro Bíblico Verbo.

O **CENTRO BÍBLICO PAULUS** é um organismo da PAULUS para a coordenação de todas as iniciativas bíblicas promovidas pelos Paulinos. Seu objetivo é tornar sempre mais dinâmico e atual o encontro de todos com a Bíblia, favorecendo a leitura, o aprofundamento, o estudo e a difusão da Sagrada Escritura. Entre suas atividades, está a distribuição gratuita do folheto *Bíblia-Gente* como subsídio para dinamizar o Mês da Bíblia. Mais informações em paulus.com.br.





TERCEIRO ENCONTRO

“FESTA, CELEBRAÇÃO, REFEIÇÃO E PARTILHA DE VIDA.” (Js 5,10-12)

SERGIO RICCIUTO CONTE



TEMA: Festa, celebração, refeição e partilha de vida.
 PERSONAGENS: Narrador.
 TEXTO: Js 5,10-12.
 PALAVRAS-CHAVE: filhos de Israel, Páscoa, produto da terra e maná.
 PERSPECTIVA: Resgatar o sentido da participação nas festas comunitárias.

Na manhã seguinte, a Páscoa, comeram pão sem fermento e trigo assado nesse mesmo dia (Js 5,11).

1. Preparar o ambiente

- Colocar no centro uma Bíblia, vela acesa, o vaso preparado no primeiro encontro, o recorte de um desenho em forma de coração e balões vazios.
- Preparar um cartaz com o tema do encontro.

2. Acolhida

Dirigente: Iniciemos nosso encontro em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém.

Dirigente: Sejam todas e todos bem-vindos. Que possamos sentir a presença de Deus por meio de cada pessoa que está presente neste encontro. *Se houver alguém participando pela primeira vez, abrir espaço para a pessoa se apresentar.* Na alegria de filhas e filhos de Deus, cantemos:

Deus chama a gente pra um momento novo, de caminhar junto com seu povo! É hora de transformar o que não dá mais; sozinho, isolado, ninguém é capaz!

Por isso vem, entra na roda co'a gente também, você é muito importante! (2x)

Não é possível crer que tudo é fácil; há muita força que produz a morte, gerando dor, tristeza e desolação. É necessário unir o cordão!

A força que hoje faz brotar a vida atua em nós pela tua graça. É Deus que nos convida pra trabalhar: o amor repartir e a força juntar.

Dirigente: Alguém gostaria de partilhar como foi a vivência do gesto concreto proposto na reunião anterior? Tempo para a partilha.

Dirigente: Em nosso encontro de hoje, vamos refletir sobre as festas comunitárias, que são momentos muito esperados em nossas comunidades. Vamos ler, em voz alta, o tema de nosso encontro: *Festa, celebração, refeição e partilha de vida.*

3. Motivando a conversa

Leitora ou leitor 1: São muito populares no Brasil as festas de São Pedro, Santo Antônio e São João, celebradas em junho. No interior de Minas Gerais, era comum o dono de uma casa, especialmente na roça, reunir as pessoas para o terço e, após a oração, levantar o mastro com as bandeiras dos santos, ao som de fogos de artifício. Antes de colocar o mastro, as pessoas colocavam no buraco os principais produtos da região: milho, arroz, café e feijão. Em seguida, os alimentos trazidos pelos participantes eram partilhados entre todas as pessoas presentes. Um momento de muita alegria, cantoria e danças tradicionais.

Dirigente: Alguém já participou de uma festa comunitária? Como nós realizamos nossas festas de família? *Encerrar este momento de partilha com o refrão de um canto.*

4. Situando o texto

Leitora ou leitor 2: As festas de Israel eram, na origem, festas agrícolas e pastoris, marcadas pelo ciclo natural das estações: a colheita da cevada e a preservação do rebanho na primavera, a colheita do trigo no verão e a dos frutos e das uvas no outono. As festas eram um tempo para descansar das tarefas rotineiras e comunitárias e agradecer às divindades pelas bênçãos de fertilidade da terra e do rebanho. Na primavera, os agricultores comemoravam a festa dos “Pães Sem Fermento”, a festa da colheita da cevada, na qual eram partilhados os pães sem fermento e os trigos assados, o fruto da terra. Os pastores, por sua vez, festejavam a festa da “Páscoa”, a festa celebrada na primavera para pedir proteção e cuidado para a família e o rebanho, partilhando os cordeiros. Na formação do povo de Israel, houve o encontro dos grupos de agricultores e de pastores, partilhando suas vidas, festas e produtos da terra. Em Js 5,10-12, os pastores (os escravos fugitivos do Egito), com a experiência do maná, alimento no deserto, contam sua história de encontro com a festa dos “Pães Sem Fermento” e o “produto da terra”, como o “trigo assado”, consumido na refeição comunitária.





5. Leitura do texto

Dirigente: Abrindo nosso coração e nossa mente, queremos acolher a Palavra de Deus e deixar que ela produza frutos em nossa vida. Cantemos. Sugestão:

Senhor, que a tua Palavra transforme a nossa vida, queremos caminhar com retidão na tua luz. No Senhor está toda graça e salvação. Nele encontramos o amor e o perdão.

Leitora ou leitor 3: Ler Js 5,10-12.

Após a leitura, pedir para o grupo recontar o texto.

Dirigente: Para conversar:

- Qual a importância de partilhar o produto da terra na refeição comunitária e festiva?
- Qual o sentido de os pastores participarem da festa dos agricultores, "Pão Sem Fermento"?
- Qual o sentido da festa da Páscoa na nova terra?

6. Iluminando a vida

Leitora ou leitor 4: Ao celebrar a Páscoa em nossa comunidade, fazemos memória de que o Ressuscitado nos libertou para uma vida em plenitude. É o triunfo da vida sobre a morte. Como continuadoras(es) do projeto cristão, somos chamadas(os) a dar continuidade à missão de Jesus de implantar o reino do Deus da vida: um reino de justiça e dignidade para todas as pessoas.

- Em meio à correria que vivemos, qual espaço nós criamos para celebrar as festas da vida?
- Como nossas festas comunitárias criam espaços para a afeição fraterna, a partilha solidária e a inclusão de outras pessoas?
- Como fazer para que os produtos da terra cheguem a todas as pessoas, para a partilha da vida?
- Por que o Brasil tem êxito com o agronegócio, mas possui grande parte da população passando fome por falta de produtos básicos para seu sustento e festa da vida?

7. Celebrando a vida

Dirigente: Apesar das dificuldades e sofrimentos, a festa é um momento que nos dá forças para resistirmos no dia a dia. Não podemos viver de festa em festa, mas podemos viver no espírito da festa, marcado pela partilha e pela solidariedade. Neste momento, podemos pegar um balão e, ao enchê-lo, pensar: "O que eu quero colocar de vida neste balão para que se multiplique em minha comunidade?". *Tempo para encher os balões. Com alegria, vamos soltar esses balões e mantê-los no ar por um breve período de tempo.*

Dirigente: Que o Deus da vida, que é o Deus da alegria e da festa, nos ajude a verdadeiramente celebrar a nossa vida. Juntas e juntos, rezemos:

Todas(os): *Pai-nosso.*

8. Preparar o próximo encontro

Dirigente: Para a próxima reunião, ler ler 6,1-21, e quem puder leia as orientações em preparação ao segundo encontro. Se tiver alguma dificuldade em ler, peça ajuda a uma pessoa próxima.

9. Gesto concreto

Tirar um tempo para estar com as pessoas gratuitamente, quem sabe fazer uma visita ou um telefonema para alguém que sabemos que precisa de presença.

10. Bênção final

Dirigente: Neste momento, vamos colocar no centro os alimentos que trouxemos e pedir a bênção de Deus. Peçamos a graça de nos alimentar com esses alimentos e que eles nos fortaleçam na caminhada e na dedicação ao projeto do Reino de Deus. Com as mãos estendidas, peçamos: abençoe, Senhor, a nós e a esses alimentos. Que a partilha vivenciada gere frutos de vida e de solidariedade.

Todas(os): Amém.

Para aprofundar o tema deste encontro, leia as páginas 79-92 do livro *Terra de Deus, terra de irmãos? Entendendo o livro de Josué*. São Paulo: Paulus, 2022. O material deste encontro e também o livro indicado foram preparados pela equipe do Centro Bíblico Verbo.

O **CENTRO BÍBLICO VERBO** é um centro de estudo que está a serviço do povo de Deus, desenvolvendo uma leitura exegética, comunitária, ecumênica e popular da Bíblia. O Centro Bíblico Verbo oferece cursos regulares de formação bíblica em diferentes modalidades e presta assessorias às dioceses, paróquias, comunidades, colégios e congregações religiosas. Mais informações pelo tel. (11) 5187-1008. *E-mail:* contato@cbiblicoverbo.com.br. Nossa página: www.cbiblicoverbo.com.br; Facebook: Centro Bíblico Verbo.

O **CENTRO BÍBLICO PAULUS** é um organismo da PAULUS para a coordenação de todas as iniciativas bíblicas promovidas pelos Paulinos. Seu objetivo é tornar sempre mais dinâmico e atual o encontro de todos com a Bíblia, favorecendo a leitura, o aprofundamento, o estudo e a difusão da Sagrada Escritura. Entre suas atividades, está a distribuição gratuita do folheto *Bíblia-Gente* como subsídio para dinamizar o Mês da Bíblia. Mais informações em paulus.com.br.

**BÍBLIA
PASTORAL**

Edição indicada para animação bíblica e pastoral de diversos públicos. **Conheça!**



Editora: Pia Sociedade de São Paulo - PAULUS (Paulinos) — **Diretor:** Valdir José de Castro — **Endereço:** Rua Francisco Cruz, 229 - Vila Mariana - 04117-091 - São Paulo - SP - Tel. (11) 5087-3700 - editorial@paulus.com.br - paulus.com.br
Esta remessa de Bíblia-Gente é uma gentileza da PAULUS e não pode ser vendida.



BÍBLIA DEUS CAMINHANDO COM A GENTE

SEMANÁRIO PARA CÍRCULOS BÍBLICOS

QUARTO ENCONTRO

“NÃO À VIOLÊNCIA EM NOME DE DEUS.” (Js 6,1-21)



SERGIO RICCIUTO CONTE

TEMA: Não à violência em nome de Deus.
PERSONAGENS: Javé, Josué, homens de guerra, sacerdotes e o povo.
TEXTO: Js 6,1-21.
PALAVRAS-CHAVE: Jericó, cercar, Arca da Aliança, sétimo dia, sete vezes, trombetas, anátema e grito de guerra.
PERSPECTIVA: Estudar o relato da conquista de Jericó, perceber a intenção dos redatores ao enfatizar que Javé garante a conquista de uma cidade-Estado somente se o povo for fiel a Javé, Deus guerreiro e poderoso.

A cidade será considerada condenada ao anátema (destruição) em honra a Javé (Js 6,17).

1. Preparar o ambiente

- Colocar no centro uma Bíblia, vela acesa, o vaso preparado no primeiro encontro, o recorte do desenho em forma de coração e recortes com imagens de pessoas em situação de risco.
- Preparar um cartaz com o tema do encontro.

2. Acolhida

Dirigente: Iniciemos nosso encontro em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém. Acolhendo a Trindade Santa que habita em nós, queremos acolher também a todas as pessoas presentes neste encontro. Em silêncio, vamos

fazer memória das pessoas que caminham conosco no dia a dia. *Se houver alguém participando pela primeira vez, abrir espaço para a pessoa se apresentar. Que o Senhor da vida nos ajude a ser instrumentos de paz. Cantemos:*

É bonita demais, é bonita demais a mão de quem conduz a bandeira da paz.

É a paz verdadeira que vem da justiça, irmão, é a paz da esperança que nasce de dentro do coração! (bis)

É paz da verdade, da pura irmandade do amor, paz da comunidade que busca a igualdade, ô, ô, ô! (bis)

Dirigente: Alguém gostaria de partilhar como foi a vivência do gesto concreto proposto na reunião anterior?
Tempo para a partilha.

Dirigente: No encontro de hoje, vamos ler e refletir sobre a narrativa da conquista de Jericó, em Js 6. Vamos repetir, em voz alta, o tema do encontro: *Não à violência em nome de Deus.*

3. Motivando a conversa

Leitora ou leitor 1: Amoim Aruká, o último homem da etnia Juma, morreu de Covid-19, no dia 17 de fevereiro de 2021. Os Juma (que habitam na beira do rio Assuã, no sul do Amazonas) chegaram a ser 15 mil no final do século 19. O terrível século 20 os atingiu em cheio: chacina após chacina, numa suposta conquista da Amazônia, eles foram se tornando mais e mais escassos, até restarem apenas algumas dezenas na década de 1960. O que agora faz uma doença, ou melhor, o que faz o desleixo estatal, é completar o minucioso trabalho de destruição de uma cultura por forças que alguma vez se afirmaram civilizatórias...¹ Segundo a Fundação Nacional do Índio (Funai), a população indígena, em 1500, era de aproximadamente 3 milhões de habitantes. Em 1650, esse número já havia caído para 700 mil indígenas. A principal razão para o despovoamento foram doenças, violências, o jugo imposto pelos colonizadores em busca de bens (terra) e de poder, muitas vezes justificado pela cultura, pela religião, e até mesmo em nome de Deus. A devastação e o extermínio na terra indígena continuam...

Dirigente: Qual o nosso sentimento diante da morte do último homem da etnia Juma? Diante da morte por acidentes, guerras, epidemias ou catástrofes, alguns grupos religiosos

¹ Fonte: <https://www.uol.com.br/ecoa/colunas/julian-fuks/2021/02/27/morre-o-ultimo-homem-de-um-povo-e-com-ele-todos-morremos-um-pouco.htm>



afirmam: é da vontade de Deus. O que nós pensamos sobre essa afirmação? *Tempo para a partilha. Encerrar este momento com o refrão de um canto.*

4. Situando o texto

Leitora ou leitor 2: O extermínio da população em nome de Deus também é narrado na Bíblia. Uma das narrativas mais conhecidas é a destruição de Jericó, em Js 6. Lendo a narrativa da conquista de Jericó, como a história de um fato, surge uma questão: por volta de 1200 a.C., ocasião da conquista de Josué, Jericó não tinha muralha e talvez nem fosse habitada, pois já havia sido destruída há dois séculos. A narrativa de conquista, então, não pode ser lida como crônica histórica dos fatos. A primeira redação do livro de Josué foi composta, por volta do ano 620 a.C., pelos escribas do rei Josias, motivados para propagar os planos de guerra da corte: integrar o reino de Judá (Sul) e o antigo reino de Israel Norte num reino unido de Davi, em torno do Deus Javé e sob o comando de Josias, descendente da casa davidica. Assim, a conquista de Jericó, principal cidade do antigo reino de Israel Norte, é descrita com a intervenção miraculosa de Javé, Deus do Estado de Josias, exterminando a população local.

5. Leitura do texto

Dirigente: A narrativa da conquista de Jericó está registrada na Bíblia. Vamos ler o texto e pedir ao Espírito de Deus que nos ajude a compreender os interesses dos governantes presentes nesse relato. Que a reflexão da Palavra oriente a nossa vida.

Sugestão de canto:

Palavra não foi feita para dividir ninguém,

Palavra é uma ponte onde o amor vai e vem. (2x)

Palavra não foi feita para dominar, destino da palavra é dialogar; palavra não foi feita para opressão, destino da palavra é a união.

Leitora ou leitor 3: Ler Js 6,1-5.

Leitora ou leitor 4: Ler Js 6,6-10.

Leitora ou leitor 5: Ler Js 6,11-19.

Leitora ou leitor 6: Ler Js 6,20-21.

Dirigente: *Para conversar:*

- O que nós pensamos sobre o fato descrito do texto de que Javé entregou a cidade para Josué, e toda a população foi morta?
- Qual a imagem de Deus que aparece no texto?

6. Iluminando a vida

Leitora ou leitor 4: A narrativa da conquista de Jericó é uma liturgia misturada com elementos da guerra santa. Os muros da cidade vão cair e a cidade será tomada se o povo seguir corretamente as ordens que Javé, o Deus de Israel, deu a Josué. Vemos, nesse texto, o uso do nome de Deus para justificar a violência da guerra, o que vai na contra-mão do projeto do Reino de Deus anunciado por Jesus de Nazaré. Precisamos nos indignar contra a violência, mesmo que ela apareça nos textos bíblicos, para que possamos nos sensibilizar e nos indignar também com as muitas formas de violência que ocorrem em nosso meio e ao nosso redor.

- Em que situações vemos o nome de Deus ser usado para justificar atitudes violentas?
- Qual a imagem de Deus que alimenta a minha caminhada e a de nossa comunidade, em defesa da vida ameaçada de pessoas e grupos?

- Como as leis brasileiras garantem a sobrevivência, a paz, a segurança e a cultura dos povos indígenas, bem como de outros grupos perseguidos em nome de Deus?

7. Celebrando a vida

Dirigente: Neste momento, vamos fazer um ato penitencial. Pensemos em que momentos nós usamos o nome de Deus de acordo com os nossos interesses. *Tempo de silêncio.* Quem desejar, pode expressar o seu pedido de perdão.

Dirigente: Vamos rezar (ou cantar) a oração de São Francisco para que sejamos pessoas construtoras da paz e saibamos, em nome do Deus da vida, lutar pela justiça e pelo amor.

Senhor, fazei-me um instrumento de vossa paz.

Onde houver ódio, que eu leve o amor; onde houver ofensa, que eu leve o perdão; onde houver discórdia, que eu leve a união; onde houver dúvida, que eu leve a fé; onde houver erro, que eu leve a verdade; onde houver desespero, que eu leve a esperança; onde houver tristeza, que eu leve a alegria; onde houver trevas, que eu leve a luz.

Ó Mestre, fazei que eu procure mais consolar que ser consolado. Compreender que ser compreendido. Amar que ser amado. Pois é dando que se recebe. É perdoando que se é perdoado. E é morrendo que se vive para a vida eterna.

Concluir este momento com a oração do pai-nosso.

8. Preparar o próximo encontro

Dirigente: Para a próxima reunião, ler Js 23,1-16, e quem puder leia as orientações em preparação ao segundo encontro. Se tiver alguma dificuldade em ler, peça ajuda a uma pessoa próxima.

9. Gesto concreto

Papa Francisco afirmou: "Violência em nome de Deus é a maior blasfêmia". Tomar consciência de como estamos usando o nome de Deus no ambiente familiar, de trabalho e eclesial.

10. Bênção final

Dirigente: Que o Deus da Paz e da Misericórdia nos abençoe hoje e sempre. Javé o abençoe e o guarde.

Todas(os): Amém.

Dirigente: Javé lhe mostre o seu rosto brilhante e tenha piedade de você!

Todas(os): Amém.

Dirigente: Javé lhe mostre o seu rosto e lhe conceda a paz!

Todas(os): Amém.

Para aprofundar o tema deste encontro, leia as páginas 99-116 do livro *Terra de Deus, terra de irmãos? Entendendo o livro de Josué*. São Paulo: Paulus, 2022. O material deste encontro e também o livro indicado foram preparados pela equipe do Centro Bíblico Verbo.

O **CENTRO BÍBLICO VERBO** é um centro de estudo que está a serviço do povo de Deus, desenvolvendo uma leitura exegética, comunitária, ecumênica e popular da Bíblia. O Centro Bíblico Verbo oferece cursos regulares de formação bíblica em diferentes modalidades e presta assessorias às dioceses, paróquias, comunidades, colégios e congregações religiosas. Mais informações pelo tel. (11) 5187-1008. *E-mail:* contato@cbiblicoverbo.com.br. Nossa página: www.cbiblicoverbo.com.br; Facebook: Centro Bíblico Verbo.





QUINTO ENCONTRO

“JAVÉ, DEUS PODEROSO E CIUMENTO, CASTIGA QUEM NÃO OBSERVA A LEI.” (Js 23,1-16)

SERGIO RICCIUTO CONTE



TEMA: Javé, Deus poderoso e ciumento, castiga quem não observa a Lei.

PERSONAGENS: Josué, anciãos, chefes, juízes e oficiais.

TEXTO: Js 23,1-16.

PALAVRAS-CHAVE: convocou, tomar como herança, Javé, praticar, Lei de Moisés, terra e aliança.

PERSPECTIVA: Compreender que a teologia da retribuição condiciona a ação de Deus à ação humana: se eu sou fiel, Deus me abençoa; se sou infiel, ele me castiga com sofrimentos.

A ira de Javé se inflamará contra vocês, e rapidamente perderão a boa terra que Javé deu para vocês. (Js 23,16)

1. Preparar o ambiente

- Colocar no centro uma Bíblia, vela acesa, o vaso preparado no primeiro encontro, o recorte do desenho em forma de coração, os recortes com imagens de pessoas em situação de risco e um frasco com óleo perfumado.
- Preparar um cartaz com o tema do encontro.

2. Acolhida

Dirigente: Iniciemos nosso encontro em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Vamos nos acolher mutuamente com o nosso olhar. Tempo para olhar uns aos outros. Confiantes no amor de Deus que nos envolve e nos acolhe a todo instante, cantemos:

A ti, meu Deus, elevo meu coração, elevo as minhas mãos, meu olhar, minha voz. A ti, meu Deus, eu quero oferecer meus passos e meu viver, meus caminhos, meu sofrer.

A tua ternura, Senhor, vem me abraçar. E a tua bondade infinita, me perdoar. Vou ser o teu seguidor e te dar o meu coração, eu quero sentir o calor de tuas mãos.

A ti, meu Deus, que és bom e que tens amor ao pobre e ao sofredor, vou servir e esperar. Em ti, Senhor, humildes se alegrarão, cantando a nova canção, de esperança e de paz.

Dirigente: Alguém gostaria de partilhar como foi a vivência do gesto concreto proposto na reunião anterior? Tempo para a partilha.

Dirigente: Em nossa leitura, oração e reflexão da Palavra a partir do livro de Josué, refletimos sobre a partilha da terra em vista do sustento de todos e todas; sobre a hospitalidade em prol da vida; sobre a festa como espaço de vida e partilha; e sobre o uso do nome de Deus para oprimir e manipular as pessoas. No encontro de hoje, vamos refletir sobre a teologia da retribuição. Vamos repetir o tema de hoje: *Javé, Deus poderoso e ciumento, castiga quem não observa a Lei.*

3. Motivando a conversa

Leitora ou leitor 1: Houve um acidente de carro e morreu um jovem de 22 anos. Perder um membro da família sempre é doloroso. Além da família, a namorada e as pessoas amigas sofreram muito. Em meio à dor e ao desespero, a mãe desse jovem afirmou: “Deus está me punindo por causa das coisas erradas que eu fiz”.

Dirigente: Todos nós conhecemos histórias nas quais culpamos Deus pelos nossos sofrimentos, especialmente diante de tragédias. Será que Deus pune uma pessoa tirando a vida de outra? A fidelidade a Deus garante uma vida feliz? Vamos conversar sobre essas questões. Tempo para uma partilha em voz baixa. Encerrar este momento com o refrão de um canto.

4. Situando o texto

Leitora ou leitor 2: Após o exílio, o grupo exilado da elite governante, agora chamado de *golá* (os deportados que voltaram), retorna para Judá e estabelece a teocracia de acordo com os interesses do império persa. Os teocratas reconstróem e fortalecem o sistema do Templo com o monoteísmo de Javé, a lei da pureza, sacrifícios, festas, ofertas do produto da terra para o Deus Javé etc., como principais meios de arrecadação de tributos para o enriquecimento da teocracia de Jerusalém e do império persa (Mt 1,6-3,21; Js 66,1-4; Ex 25,1-9). Eles fortalecem e pregam, especialmente, a teologia (catequese) da retribuição, na qual Deus poderoso e castigador dá saúde, riqueza, terra, moradia e vida longa a quem observa a Lei, com a exigência dos sacrifícios de purificação e o pagamento dos dízimos (Lv 26; Dt 28; Nm 10,38). Js 23,1-16, que foi composto pelos teocratas no pós-exílio, descreve o Deus poderoso da teologia da retribuição, que castiga com a perda da terra quem não é fiel à aliança com o Senhor.





5. Leitura do texto

Dirigente: Peçamos ao Espírito de Deus que nos ajude a compreender que Deus é o Deus da vida e nos ama incondicionalmente. Acolhendo a sua Palavra, queremos entender que Deus não se prende a esquemas humanos. Cantemos:

Quando o Espírito de Deus soprou, o mundo inteiro se iluminou. A esperança na terra brotou, e um povo novo deu-se as mãos e caminhou.

Lutar e crer, vencer a dor, louvar o Criador. Justiça e paz não de reinar, e viva o amor.

Leitora ou leitor 3: Js 23,1-16.

Dirigente: Para conversar:

- Quais as ações do Deus Javé em favor do seu povo?
- De acordo com o texto, quais as consequências de não seguir a Lei de Moisés?

6. Iluminando a vida

Leitora ou leitor 4: Diante das tragédias e dos sofrimentos, é costume perguntar: por quê? De quem é a culpa? O que eu fiz a Deus para merecer isso? Todas as pessoas enfrentam situações difíceis: morte de alguém, desemprego, injustiças, doenças, entre outras. Não, não se trata da justiça de Deus, mas existe uma causa estrutural que gera diferentes formas de injustiças. Doenças e morte são fragilidades da vida humana e devem nos levar a refletir sobre a própria vida, nos tornar pessoas mais sensíveis e solidárias aos nossos irmãos e irmãs e, ao mesmo tempo, nos mobilizar para que analisemos as causas reais dessas mortes e sofrimentos e procuremos formas de evitá-las, mudando nossas práticas e compromissos e engajando-nos pessoal e comunitariamente na construção de uma sociedade justa.

- Como nós e nossas comunidades reagimos diante de situações de sofrimento e de injustiça?
- Quais ações concretas existem em nossa comunidade para ajudar as pessoas que sofrem?
- Como desenvolver uma espiritualidade que nos ajude a entender que os sofrimentos e as injustiças não são castigos de Deus?

7. Celebrando a vida

Dirigente: Formar um círculo (se possível) ao redor dos objetos que acompanharam nossos encontros. A Bíblia, como a Palavra que nos orienta e nos conduz na caminhada; a vela acesa representa a luz e a presença de Deus; o vaso que preparamos é a imagem da vida nova que queremos; o coração é o desejo de abertura e sensibilidade às necessidades de nossos irmãos, alguns deles representados nos recortes. E, hoje, temos também o óleo perfumado, lembrando-nos do nosso compromisso. Vamos estender nossas mãos sobre o óleo e pedir que Deus o abençoe.

Com este óleo, podemos nos ungir pedindo a graça da fidelidade e da perseverança. Tempo para a unção, que poderá ser feita em duplas. Cantar um cântico para esse momento. Sugestão:

O Espírito do Senhor repousa sobre mim, o Espírito do Senhor me escolheu, me enviou.

Para dilatar o seu reino entre as nações. Para anunciar a Boa-nova a seus pobres. Para proclamar a alegria e a paz: exulto de alegria em Deus, meu salvador!

Para dilatar o seu reino entre as nações. Consolar os corações esmagados pela dor. Para proclamar sua glória e salvação e acolher quem sofre e chora, sem apoio, sem consolo.

Para dilatar o seu reino entre as nações. Para anunciar libertação e salvação. Para anunciar o seu amor e seu perdão. Para celebrar sua glória entre os povos.

Dirigente: Rezemos a oração do pai-nosso.

8. Gesto concreto

O grupo poderá escolher como dar continuidade à reflexão bíblica.

9. Bênção final

Dirigente: Com as mãos estendidas em diversas direções, vamos pedir ao Deus da vida que abençoe o mundo inteiro, nosso país, nossas famílias, nossa comunidade e a nós aqui presentes. Deus, que é "misericordioso e cheio de graça, lento para a cólera e grande em solidariedade e fidelidade" (cf. Ex 34,6), nos abençoe e nos conduza.

Todas(os): Amém.

Para aprofundar o tema deste encontro, leia as páginas 123-136 do livro *Terra de Deus, terra de irmãos? Entendendo o livro de Josué*. São Paulo: Paulus, 2022. O material deste encontro e também o livro indicado foram preparados pela equipe do Centro Bíblico Verbo.

O **CENTRO BÍBLICO VERBO** é um centro de estudo que está a serviço do povo de Deus, desenvolvendo uma leitura exegética, comunitária, ecumênica e popular da Bíblia. O Centro Bíblico Verbo oferece cursos regulares de formação bíblica em diferentes modalidades e presta assessorias às dioceses, paróquias, comunidades, colégios e congregações religiosas. Mais informações pelo tel. (11) 5187-1008. E-mail: contato@cbiblicoverbo.com.br. Nossa página: www.cbiblicoverbo.com.br; Facebook: Centro Bíblico Verbo.

O **CENTRO BÍBLICO PAULUS** é um organismo da PAULUS para a coordenação de todas as iniciativas bíblicas promovidas pelos Paulinos. Seu objetivo é tornar sempre mais dinâmico e atual o encontro de todos com a Bíblia, favorecendo a leitura, o aprofundamento, o estudo e a difusão da Sagrada Escritura. Entre suas atividades, está a distribuição gratuita do folheto *Bíblia-Gente* como subsídio para dinamizar o Mês da Bíblia. Mais informações em paulus.com.br.

Liturgia Diária A fiel companheira dos católicos! Conheça!



Editora: Pia Sociedade de São Paulo - PAULUS (Paulinos) — **Diretor:** Valdir José de Castro — **Endereço:** Rua Francisco Cruz, 229 - Vila Mariana - 04117-091 - São Paulo - SP - Tel. (11) 5087-3700 - editorial@paulus.com.br - paulus.com.br
Esta remessa de Bíblia-Gente é uma gentileza da PAULUS e não pode ser vendida.



BÍBLIA DEUS CAMINHANDO COM A GENTE

SEMANÁRIO PARA CÍRCULOS BÍBLICOS

APROFUNDAMENTO I

A FORÇA DOS PEQUENOS EM PROL DA VIDA

Jz 9,8-15 é uma fábula antiga que apresenta uma severa crítica aos governantes da monarquia. Na fábula, irônica e cortante, as árvores populares, agradáveis, produtivas e úteis, não aceitam reinar, mas o espinheiro, que é perigoso, aceita exercer a função de rei:

Então todas as árvores disseram ao espinheiro: “Venha reinar você sobre nós!” O espinheiro respondeu às árvores: “Se vocês querem de verdade ungir-me rei sobre vocês, venham abrigar-se debaixo da minha sombra. Mas, se não querem, que saia fogo do espinheiro e devore os cedros do Líbano” (Jz 9,14-15).

Jz 9 descreve o processo de ascensão ao poder (Jz 9,1-6). Conforme a crítica de quem defende o poder participativo a serviço da vida do povo, o “espinheiro”, inútil e ganancioso, representa aquele que se dispõe a exercer o poder centralizado com “fogo” (violência) a serviço de seu interesse, explorando a vida do povo. É o retrato dos reis e governantes espinheiros que exploram e devoram o povo, transformando-o em alimento que sustenta a estrutura corrupta e injusta do Estado. “Vocês são gente que devora a carne do meu povo e arranca suas peles; quebra seus ossos e os faz em pedaços, como um cozido no caldeirão” (Mq 3,3), grita o profeta Miqueias, representante dos pequenos, contra os governantes da monarquia do rei Ezequias, por volta do ano 715 a.C.

Após a destruição da monarquia e o período exílico, foi estabelecida a teocracia com o apoio do império persa, na Judeia. Não há mais os reis espinheiros, mas agora os teocratas espinheiros, que continuam explorando e devorando o povo com o poder centralizado no Templo de Javé do Estado. O Templo, com a teologia da retribuição, a lei da pureza e seu sacrifício de purificação (Lv 11-16), torna-se o principal mecanismo de arrecadação de tributos para a manutenção da teocracia corrupta de Jerusalém, que repassa uma parte da arrecadação ao Império (cf. Esd 7,25-26; Ex 25,1-9).

A exploração pelos governantes teocratas atinge diretamente os pobres e pequenos: “Estes andam nus por falta de roupa, e os famintos carregam feixes. Eles

espremem azeite no moinho, e os que pisam a uva passam sede. Na cidade os mortais gemem e os feridos pedem socorro, mas Deus (controlado pelo Templo de Jerusalém) não dá importância a essa infâmia” (Jó 24,10-12). A história segue e se repete... A Bíblia testemunha que os pequenos continuam sendo explorados e escravizados, no decorrer dos séculos, pelos teocratas judaicos, junto com os impérios poderosos, como o dos gregos e dos romanos.

Acreditar nas forças dos pequenos

Ao percorrer os livros sapienciais, percebe-se que, mesmo sofrendo com injustiça, exploração e violência por parte dos poderosos judeus e estrangeiros, os pequenos não desistem de viver, resistir, sonhar, lutar por vida digna, com sabedoria, ousadia e teimosia:

- “Existem quatro seres pequeninos na terra, que são mais sábios que os sábios: as formigas, povo fraco, mas que recolhe sua comida no verão; as marmotas, povo sem força, mas que faz suas tocas nos rochedos; os gafanhotos, que não têm rei, mas saem todos em bando; as lagartixas, que a gente pode pegar com a mão, mas entram até em palácios de reis” (Pr 30,24-28). Pr 30,1-14 retrata a injustiça social dos poderosos que massacram o povo. Em contrapartida, Pr 30,24-28 descreve a força dos pequenos com sua sabedoria, organização, habilidade, coragem e resistência em defesa da vida.
- “Vi ainda outra coisa debaixo do sol, e foi uma grande lição para mim: havia uma cidade pequena, com poucos habitantes. Um rei poderoso veio e a sitiou, construindo contra ela fortes máquinas de guerra. Havia na cidade um homem de origem pobre, porém sábio. Com sua sabedoria, conseguiu salvar a cidade. Contudo, ninguém mais se lembrou desse pobre homem. Eu disse então a mim mesmo: a sabedoria vale mais do que a força, só que a sabedoria do pobre é desprezada, e ninguém dá atenção a seus conselhos”



(Ecl 9,13-16). Ao afirmar que a sabedoria do pobre é mais poderosa que as máquinas de guerra, a experiência da vida anima e ensina que os pequenos podem vencer os poderosos pela sabedoria a serviço da vida, sobretudo pela força da união dos pequenos, os desprezados pela sociedade dos poderosos (Ecl 4,12).

Acreditar no Deus dos pequenos

Diante do avanço da helenização (a busca desenfreada de bens, poder, prazer e honra) dos poderosos gregos e romanos (Sb 2), que provoca a exploração do trabalho, escravização, problemas sociais, destruição etc., os pequenos se reúnem, resistem e lutam pela vida. Essa luta é movida pela fé no Deus dos pequenos:

- a) “Tu és o Deus dos humildes, o socorro dos pequenos, o amparo dos fracos, o abrigo dos abandonados, o salvador dos desesperados. Sim, sim, Deus de meu pai, Deus da herança de Israel, soberano dos céus e da terra, criador das águas, rei de toda a criação, escuta minha súplica” (Jt 9,11-12). Embora o livro de Judite apresente ensinamentos patriarcais e androcêntricos dos fariseus que definem a beleza das mulheres como uma ameaça (cf. Jt 16,6-9; Eclo 42,12-14), a oração de Judite (Jt 9), inspirada em vários salmos, carrega em seu cerne a fé no Deus criador dos pequenos, órfãos e viúvas, que alimenta e anima a luta pela vida.
- b) “Não busquem a morte no erro da vida de vocês, nem provoquem a ruína com as obras que praticam, pois Deus não fez a morte, nem se alegra com a destruição dos seres vivos. Ele tudo criou para que exista. As criaturas do mundo são sadias, e nelas não há veneno de ruína. O mundo dos mortos não reina sobre a terra. Porque a justiça é imortal!” (Sb 1,12-15). Deus criou todas as coisas para a vida: terra, plantas, animais, seres humanos... Por seu próprio ciclo natural, tudo nasce, cresce e morre. Cumpre sua existência física na gratuidade de Deus. Mas há a morte antecipada pela maldade e pela injustiça praticada pelos poderosos. Acreditando no Deus da vida, os pequenos devem praticar a justiça, promovendo o projeto do Deus da vida e superando, assim, a morte: “A vida se encontra no caminho da justiça, em cuja direção não existe morte” (Pr 12,28); “Quem oprime o pobre, ofende seu Criador; mas presta-lhe honra quem tem misericórdia do indigente” (Pr 14,31).

Acreditar na construção do Reino de Deus

No tempo de Jesus de Nazaré, com a implantação sistemática da helenização, marcada pela tirania e pela brutalidade, Herodes e seus filhos, seguindo a ordem do império romano, espalharam pobreza, doença e desespero no meio dos camponeses, que constituíam cerca de 95% ou mais da população da Palestina. Nesse caldeirão de sofrimento, o movimento de Jesus junto com os pequenos (Lc 10,21) nasceu, cresceu e anunciou os ditos sapienciais de orientação e de exortação à luta pela sobrevivência:

- a) “Elevando os olhos para seus discípulos, Jesus dizia: ‘Felizes vocês, os pobres, porque de vocês é o Reino de Deus. Felizes vocês, que agora têm fome, porque serão saciados. Felizes vocês, que agora choram, porque hão de sorrir’” (Lc 6,20-21). As bem-aventuranças aos pobres não significam a exaltação de sua condição precária e sofrida, mas, sim, contradizem os critérios que vigem no mundo: a libertação pelo desapego dos bens, contrariando o movimento da helenização (Lc 6,24-26).
- b) “Amem seus inimigos, façam o bem a quem odeia vocês. Falem bem de quem fala mal de vocês. Rezem por aqueles que os caluniam. Quando alguém lhe bater numa face, ofereça também a outra” (Lc 6,28-29). A justiça de Deus é amar gratuitamente até os inimigos, sem nada esperar, rompendo com a relação de interesse que gera lucro e poder (Lc 6,30-35). Agir gratuitamente para com todos é um dever de quem é fiel a Deus Pai e a seu amor gratuito (Lc 6,36). Só assim é possível superar o mal que aflige o mundo.
- c) “Jesus dizia: ‘A que é semelhante o Reino de Deus? Com o que eu poderia compará-lo? Ele é como uma semente de mostarda que um homem pegou e lançou em sua horta. Ela cresce, torna-se árvore e as aves do céu fazem ninhos em seus ramos’” (Lc 13,18-19). A imagem de um grão de mostarda é algo pequeno e insignificante, mas tem força transformadora. A presença do Reino de Deus não deve ser um poder ostensivo, glorioso e excludente, mas, sim, se faz de modo inexpressível e oculto entre os pequenos e humildes, com a prática da justiça, do amor, da fraternidade, e com muita esperança e paciência histórica.

Ontem e hoje, persiste a realidade dos pequenos, que são explorados e esmagados pelo poder centralizador e conquistador em benefício de uma minoria gananciosa e privilegiada: “Eu vi aparecer um cavalo esverdeado. Quem estava montado nele tinha o nome de Morte, e a Morada dos Mortos o acompanhava. Eles receberam autoridade sobre a quarta parte da terra, para poderem matar pela espada, pela fome, pela peste e pelas feras da terra” (Ap 6,8).

A realidade do Brasil não poderia ser diferente. Um quarto da população brasileira – 52,7 milhões de pessoas – vive em situação de pobreza ou extrema pobreza. Diariamente, os meios de comunicação registram cenas de pessoas desesperadas em busca de alimento nos lixões. A fome, a doença, a violência, a ganância, o descuido dos governantes, a insensibilidade e a irresponsabilidade de muitos... Apesar de tudo – repito, apesar de tudo –, acreditemos na força dos pequenos, das “sementes de mostarda”, com a fé no Deus dos pequenos e com o trabalho comunitário: “É melhor dois juntos do que alguém sozinho, porque melhor será o resultado do que fazem. Se um cair, seu companheiro o levantará. Um sozinho é derrotado, mas dois juntos vão resistir. A corda tríplice não arrebenta tão fácil” (Ecl 4,9-10.12).





APROFUNDAMENTO II

DEUS GO'EL, PROTETOR E PADRINHO DO POVO SOFRIDO

Os redatores pós-exílicos do livro de Josué reproduzem a assembleia de Israel após a conquista e a partilha da terra (Js 24). Nela, Josué convoca o povo para renovar a aliança com Javé, alertando para a infidelidade ao Deus de Israel:

Josué disse a todo o povo: “Vocês não podem servir a Javé, porque ele é um Deus santo, ele é um Deus ciumento, ele não carrega os delitos de vocês, nem suas transgressões. Supondo que vocês abandonem a Javé para servirem a outros deuses, ele se voltará e irá tratar mal a vocês e os destruirá, depois de tê-los tratado tão bem” (Js 24,19-20).

O texto descreve a imagem de Deus poderoso e ciumento como força para manter o sistema tributário do Templo de Jerusalém, com o monoteísmo, a teologia de retribuição (bênção e maldição) e a lei de pureza. A imagem de Deus Javé castigador se torna tão forte que chega até a destruir os infiéis para fortalecer o poder e o controle dos teocratas sobre o povo, com a ordem do império persa: “Quanto a você, Esdras, de acordo com a sabedoria do seu Deus, a qual você tem nas mãos, nomeie magistrados e juízes, que apliquem a justiça para todo o povo do lado ocidental do rio Eufrates, para todos os que conhecem a lei do seu Deus. E a ensine para os que não a conhecem. Quem não obedecer à lei do seu Deus, que é a lei do rei (da Pérsia), será castigado rigorosamente, com morte e exílio, multa ou prisão” (Esd 7,25-26).

Diante desse controle e da opressão dos teocratas, os pobres explorados e oprimidos gritam: “Eu sei que o meu protetor (go’el, redentor, defensor, padrinho) está vivo e que no fim se levantará sobre o pó. E ainda que tenham cortado minha pele, na minha carne eu verei a Deus! Então eu mesmo o verei! Meus olhos poderão vê-lo, e não um estranho. Meus rins se consomem dentro de mim” (Jó 19,25-27). Jó, representante dos pobres impuros (Jó 24), invoca Deus redentor e protetor, descrito como o go’el, parente próximo, que liberta os hebreus do Egito (Sl 106,10), resgata os exilados (Is 41,14) e socorre os pobres (Rt 2,20).

O livro de Jó, como Jonas e Cântico dos Cânticos, critica a religião centrada no Templo, na teologia da retribuição e nos sacrifícios com Deus poderoso e castigador, presente no santo dos santos do Templo, onde somente o sumo sacerdote consegue entrar. Para os pobres oprimidos, Javé do povo é Deus, Pai e Mãe (Os

11,3-4), Deus criador, Deus da gratuidade, que caminha, convive, protege e está no meio dos pequenos: “Eu te conhecia só de ouvido. Mas agora meus olhos te veem” (Jó 42,5).

A religião dos teocratas, com a imagem do Deus poderoso, a teologia da retribuição e a lei da pureza, perpassa a história, consolida-se e chega até o Sinédrio, instituição judaica do tempo de Jesus de Nazaré. Fariseus, um dos grupos integrantes da instituição, pregam a salvação pela estrita observância da lei da pureza e impõem o Deus poderoso e legalista, a fim de provocar o temor e controlar a população judaica. Com a imposição do temor ao “sagrado” do Templo de Jerusalém, eles proíbem até o uso do nome de Javé, designando-o como “meu Senhor” (*Adonai*, em hebraico).

Entretanto, Javé popular, Deus go’el, com a teologia da gratuidade, também persiste e perpassa a história. Marca os movimentos de resistência ao Sinédrio, aliado com o império romano, que é aparelhado com a religião imperial da idolatria – culto aos deuses e ao imperador –, a serviço do lucro e do poder. Um dos movimentos é o de Jesus de Nazaré, que prega o Deus dos pequenos: “Eu te louvo, Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste essas coisas aos sábios e entendidos, e as revelaste aos pequeninos. Sim, Pai, porque assim foi do teu agrado” (Lc 10,21). É o Deus da vida, Pai protetor, que caminha com os pequenos no amor, na misericórdia e na justiça (Lc 6,20-23).

Na caminhada dos seguidores e das seguidoras de Jesus Cristo, Deus continua sendo Deus paternal e maternal da gratuidade que se manifesta na palavra e na prática do amor de Jesus de Nazaré, nas quais nascem e crescem as comunidades cristãs:

a) “Ao cair da tarde, quando o sol se pôs, levavam a Jesus todos os que estavam doentes e os endemoninhados. A cidade inteira estava reunida na frente da porta. E ele curou muitos doentes de várias doenças e expulsou muitos demônios” (Mc 1,32-34). A comunidade de Mc, que é formada por pessoas exploradas pelo Império e oprimidas pela autoridade judaica, por volta do ano 70 a.C., descreve a prática “pastoral” de Jesus de Nazaré, convivendo com os pobres impuros, “endemoninhados”. Nessa prática, transparece a imagem de Deus go’el, que convive e carrega a “cruz” com os mais empobrecidos e esquecidos da sociedade de ontem e de hoje.





- b) "Pois tive fome e vocês me deram de comer, tive sede e me deram de beber, era estrangeiro (forasteiro) e me acolheram, estava nu e me vestiram, estava doente e me visitaram, estava na cadeia e vieram me ver" (Mt 25,35-36). No tempo da comunidade de Mateus, por volta do ano 80 d.C., os judeus fariseus, autoridade judaica, com Deus castigador e seu messias triunfalista e ritualista, condenam quem não pode observar a lei da pureza e mal sobrevive no dia a dia: camponeses sem terra, desempregados, famintos, forasteiros, doentes etc. A comunidade de Mateus propõe uma inversão: proclama Deus Pai misericordioso e o messias servo com a prática do amor, da compaixão e da solidariedade, porque Deus está conosco – Emanuel (Mt 1,23).
- c) "Ele ainda estava longe, quando seu pai o viu. Encheu-se de compaixão e, correndo, lançou-se ao pescoço dele e o beijou com ternura. (...) 'Porque este meu filho estava morto e voltou a viver, estava perdido e foi encontrado'" (Lc 15,20.24). O evangelho de Lucas, escrito para as comunidades localizadas em cidades grandes, com a presença de ricos e pobres, insiste na misericórdia e na solidariedade com as pessoas empobrecidas à margem da sociedade, apresentando o rosto de um Deus compassivo e amoroso.
- d) "Da forma que meu Pai amou, eu também amei a vocês: permaneçam no meu amor. Se vocês guardarem os meus mandamentos, permanecerão no meu amor, assim como eu tenho guardado os mandamentos do meu Pai e permaneço no amor dele" (Jo 15,9-10). No meio da perseguição do imperador Domiciano (81-

96 d.C.), junto com os judeus fariseus (Jo 15,18-16,4), a comunidade de João apresenta o Deus Amor na face de Jesus Cristo, o "bom pastor" (Jo 10), oposto à imagem do imperador, aquele que exige ser adorado como deus, e à imagem do Senhor Deus poderoso e legalista das autoridades dos judeus fariseus. A comunidade joanina chega até a dizer: "Pois Deus amou tanto o mundo, que deu o seu Filho único, para que não morra quem nele acredita, mas tenha vida eterna" (Jo 3,16).

Uma década depois, a comunidade joanina escreve as cartas de exortação aos seus fiéis: "Amados, amemo-nos uns aos outros, porque o amor vem de Deus. E todo aquele que ama, nasceu de Deus e conhece a Deus" (1Jo 4,7); "Como pode o amor de Deus permanecer em quem possui os bens deste mundo, se esse tal vê seu irmão passando necessidade e lhe fecha o coração?" (1Jo 3,17). O amor de Deus deve ser traduzido em vida concreta: o amor ao próximo. Pois o Deus de Jesus Cristo é amor, não o terror do deus imperador nem maldição do deus legalista e ritualista dos judeus fariseus.

Quase dois mil anos se passaram, e a comunidade joanina continua exortando os seguidores e as seguidoras de Jesus Cristo crucificado a uma manifestação maior do amor ao próximo do Deus Pai. Pois o imperialismo, com o deus poderoso e glorioso, continua encarnado em muitas "bestas" de hoje (Ap 13,11-18), atraindo, devorando e sacrificando as pessoas inocentes pelo trabalho escravo, pela fome, pela violência etc. Até as igrejas, com seu Cristo triunfalista, legalista e ritualista, colaboram e justificam a atuação das bestas do presente.



CENTRO BÍBLICO PAULUS

O **Centro Bíblico PAULUS** é um organismo da **PAULUS** para a coordenação de todas as iniciativas bíblicas promovidas pelos Paulinos.

Seu objetivo é tornar sempre mais dinâmico e atual o encontro de todos com a Bíblia, favorecendo a leitura, o aprofundamento, o estudo e a difusão da Sagrada Escritura.

Informações Centro Bíblico: centrobiblico@paulus.com.br



Editora: Pia Sociedade de São Paulo - PAULUS (Paulinos) — **Diretor:** Valdir José de Castro — **Endereço:** Rua Francisco Cruz, 229 - Vila Mariana - 04117-091 - São Paulo - SP - Tel. (11) 5087-3700 - editorial@paulus.com.br - paulus.com.br
Esta remessa de Bíblia-Gente é uma gentileza da PAULUS e não pode ser vendida.

